

COOPERATIVAS POPULARES NA UNIVERSIDADE – UNESP/SP/BRASIL

ALMEIDA, Loriza Lacerda (loriza@faac.unesp.br)

ARAÚJO, Maria Amélia Máximo de (maximo@fosjc.unesp.br)

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO – UNESP

Este trabalho relata a experiência de implementação de cooperativas de trabalho para geração de renda, na Universidade estadual Paulista – UNESP- São Paulo, Brasil, apresenta sua forma de estruturação e manifestação dos envolvidos (coordenadores, estudantes e cooperativados) em relação a alguns aspectos do projeto.

HISTÓRICO

As cooperativas de trabalho estão em franco crescimento no Brasil nestes últimos anos. Isto se explica pelas profundas transformações sofridas pelo mundo do trabalho, que se transformaram em verdadeira tragédia para o trabalhador.

Como nos explica Singer, “as cooperativas resultam do rápido crescimento da produtividade do trabalho, produzido pela revolução industrial em curso; da liberalização do comércio mundial, que tornou possível transferir quantidades cada vez maiores de postos de trabalho para países de baixos salários e poucos direitos sociais; a mesma liberalização ensejou a exportação em acelerado aumento de bens e serviços dos países para onde migram os capitais para os países em que o custo do trabalho é maior”.

Os salários no Brasil são menores do que no 1º mundo, mas maiores do que em países asiáticos, onde o baixo custo do trabalho barateia ainda mais suas mercadorias no Exterior.

O uso de tecnologias mais modernas tem sido uma das formas de corte de custos, mas a contrapartida disto é a exigência de investimentos em equipamento, que custam ainda muito caros. A saída então é substituir a mão-de-obra regularmente assalariada por prestadores de serviços, pois estes últimos não têm os direitos trabalhistas que se aplicam aos trabalhadores

formais. Desta forma, vimos com o desenvolvimento do capital, que milhões de postos de trabalho assalariado foram transformados em postos de trabalho autônomo, individual, familiar ou coletivo.

Desta forma, os custos do trabalho ficam reduzidos, pois não se respeita mais os pisos salariais, a jornada de trabalho, e os direitos mais básicos de descanso e férias, tão duramente conquistados ao longo dos séculos e que no Brasil estão garantidos na legislação vigente.

Ainda segundo Singer, as cooperativas de trabalho, neste contexto, resultam de iniciativas de trabalhadores marginalizados e excluídos do trabalho formal, sem chance de obter emprego regular ou ainda em perigo de perder o trabalho que têm. Este é, por exemplo, o caso dos trabalhadores de empresas em crise, que se organizam em cooperativa ora para tentar recuperar a sua ex-empregadora (comprando-a com seus créditos trabalhistas e eventualmente com financiamento) ora para disputar o mercado de serviços terceirizados, tendo como arma sua proficiência profissional. Formam também cooperativas de trabalho trabalhadoras e trabalhadores muito pobres, que sobrevivem vendendo seus serviços individualmente e tentam obter melhores condições de ganho unindo-se em cooperativas de trabalho. Estas cooperativas são obviamente verdadeiras, frutos da livre vontade dos que nelas se associam, que não espoliam ninguém e são criadas como armas na luta contra a pobreza.

COOPERATIVAS DE TRABALHO NO BRASIL

A ampliação das cooperativas de trabalho no Brasil está em crescimento acelerado nos últimos anos. O incremento é diário e em todas as cidades, destacando certamente as maiores, como São Paulo, por exemplo. Este crescimento das cooperativas de trabalho se explica pelas grandes mudanças sofridas pelo mercado do trabalho, que criam enormes dificuldades para o trabalhador. As cooperativas são o resultado do crescimento da produtividade do trabalho, da liberalização do comércio mundial, que tornou possível transferir quantidades cada vez maiores de postos de trabalho para países de baixos salários.

O Brasil se encontra em uma situação que podemos identificar como intermediária: os salários aqui são menores do que nos países mais desenvolvidos e, em relação aos países

asiáticos, são maiores. Com o câmbio supervalorizado no Brasil (preço baixo das divisas estrangeiras na moeda nacional) há um barateamento de suas mercadorias no exterior. Por isso, quando da abertura do mercado brasileiro às importações, a concorrência dos produtos estrangeiros, especialmente do oriente desestabilizou parte da indústria nacional e obrigou a restante a cortar custos como condição de sobrevivência. O uso de modernas e sofisticadas tecnologias também se constitui em uma das formas de corte de custos, embora seja necessário colocar dinheiro para a compra dos equipamentos. Tendo isto em consideração, sabemos que a economia se faz muitas vezes com a substituição da mão-de-obra, aqueles que eram servidores diretos passam a ser substituídos por prestadores de serviços que não recebem direitos trabalhistas. Por esta razão, muitos postos de trabalho antes regularmente assalariado se transformaram em postos de trabalho autônomo, familiar ou coletivo. Nestas modalidades de trabalho, o custo da mão de obra cai acentuadamente, pois não se respeita mais o salário mínimo, a jornada de horas mínimas, o descanso remunerado e os demais direitos conquistados anteriormente.

Os empregadores tiveram de esperar até que o desemprego em massa tomasse mudasse a situação de quase-pleno emprego, dos anos 70. Em anos anteriores, durante o chamado Milagre Econômico, as empresas buscavam mão de obra, porque se fazia necessária, e para garanti-las oferecia até mais do que a lei exigia. Entretanto houve uma mudança no processo e a proporção de trabalhadores buscando emprego aumentou e as dificuldades para conseguir trabalho tornaram-se grandes. A mão de obra não era mais absorvida e, a partir dos anos 80, iniciou-se a quebra do trabalho assalariado, que desde então vem se acelerando.

As cooperativas de trabalho surgem então como uma possibilidade de importante de substituição do trabalho assalariado regular por trabalho contratado autônomo. Organizados em cooperativas podem abrir micro-empresas para se transformar em prestadores autônomos de serviços. Um expediente muito utilizado no mundo do trabalho é assalariar trabalhadores sem carteira assinado, sob a rubrica de experiência e, tempos depois, são despedidos. Também por esta razão, os grupos de trabalhadores se organizam de forma coletiva, em cooperativa, porque se asseguram melhor.

A origem das cooperativas de trabalho resulta quase sempre da necessidade e iniciativa de trabalhadores fora do mundo do trabalho, marginalizados, que não conseguem emprego regular. Muitos trabalhadores organizam em cooperativa, oriundos de empresas em crise, porque estão prestes a perder o emprego. Formam também cooperativas de trabalho trabalhadoras e trabalhadores pobres, que sobrevivem vendendo seus próprios serviços

individualmente, na busca de obter melhores condições de renda, para garantir sua subsistência e de sua família. São iniciativas muito recorrentes no Brasil e as universidades vem, sistematicamente, incentivando e ajudando na organização destes trabalhadores.

COOPERATIVAS DE TRABALHO NA UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA – UNESP

A Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – Unesp desenvolveu um programa de cooperativas populares em algumas de suas Unidades Universitárias, coordenadas por professores que contam com a colaboração de estudantes (bolsistas e voluntários), que desenvolvem atividades bastante diversificadas, com alunos de graduação e de pós-graduação,, com vistas a envolver trabalhadores de comunidades carentes, que se encontram em situação de desemprego. As Unidades Universitárias que possuem núcleos organizados estão nas seguintes cidades do Estado de São Paulo: Assis, Ourinhos, Presidente Prudente, Ilha Solteira, Araraquara, Franca e Bauru

Para o desenvolvimento do projeto na universidade, foram estabelecidos os seguintes objetivos gerais:

1. Reunir grupos populares de várias regiões do Estado de São Paulo que tenham como objetivo a geração de trabalho e renda, a melhoria das condições de trabalho e de vida, possibilitando que estes conquistem autonomia de ação e consigam autogerir suas atividades de maneira voluntária, consciente e independente;

2. Melhorar a formação técnica e política dos grupos incubados para que estes tenham melhor qualificação profissional e maior autonomia de ação na resolução dos seus problemas e na defesa de seus interesses;

3. Fortalecer a integração entre as associações, cooperativas e grupos autônomos de trabalhadores, no âmbito da região e do Estado de São Paulo, para que possam realizar ações conjuntas ou operar em rede, visando o apoio mútuo dos segmentos atendidos.

Estes objetivos organizam o projeto e tem como princípio orientador oferecer às pessoas, em situação de desemprego, uma possibilidade de aprendizagem das técnicas de reciclagem, de forma que possam utilizá-las, para gerar renda familiar. Muitos são os que buscam nesta forma de organização, a possibilidade de sobrevivência, através da formação de uma rede solidária e colaborativa. Para o desenvolvimento das atividades, além da boa vontade da universidade em formar os grupos, faz-se necessária a implementação de metodologia para sua execução, de forma que o projeto tenha sustentação e boas bases para seu desenvolvimento. Assim há vários passos a serem seguidos, de forma organizada e controlada.

METODOLOGIA PARA EXECUÇÃO DO PROJETO COOPERATIVAS :

1. Processamento da demanda: o primeiro passo é verificar quem são os interessados e quais as possibilidades individuais de envolvimento com o projeto. É necessário saber do interesse e quantificar esta demanda, para poder planejar todos os itens de trabalho. Saber das experiências anteriores do grupo também é importante, para saber das necessidades de capacitação. Para saber da demanda é necessário divulgar o projeto amplamente, fazer as inscrições dos interessados e mantê-los informados de todos os passos do trabalho.
2. Diagnóstico da situação do grupo: muitas vezes as pessoas interessadas no projeto têm qualificações para o trabalho já estabelecidas, uma vez que muitos são desempregados, o que significa dizer que tem experiências anteriores no mundo do trabalho. Outras informações constituem este item, tais como gênero e idade, filhos, entre outros, ou seja, os elementos que indicam as condições de organização do grupo.
3. Introdução do grupo no universo do cooperativismo e da economia solidária: há sempre um processo de formação do grupo, para sensibilizá-los para este tipo de organização que implica em relações de solidariedade e respeito, às vezes diversas da organização do trabalho em geral. Reuniões, debates e cursos de formação são as estratégias utilizadas para introduzir o grupo ao universo do cooperativismo.

4. Estudo da viabilidade econômica: a formação do grupo se dá para que cada um obtenha recursos para sua sobrevivência, desta forma é necessário diagnosticar e planejar procedimentos para que o grupo possa, efetivamente, gerar sua renda.
5. Implantação e implementação do empreendimento: nesta fase, o projeto já elencou todas as dificuldades e viabilidades para sua execução. Trata-se agora de avançar firmemente na implantação, uma vez que o grupo foi estruturado e se encontra coeso para as ações futuras. Muitas são as articulações necessárias até chegar a este ponto, mas certamente, o mais importante é que o grupo tenha desenvolvido uma sociabilidade que os torne um grupo firme de trabalho e compreenda que o cooperativismo pressupõe ação conjunta e coordenada. Desta forma, a última etapa será a consolidação do empreendimento.

MECANISMOS GERENCIAIS DE EXECUÇÃO:

Para o desenvolvimento do projeto, há pressupostos fundamentais que devem ser considerados, de forma que sua execução ocorra da melhor forma possível. Alguns destes elementos são imprescindíveis, ou seja, sem eles o cooperativismo se compromete. Uma das principais premissas é de que o trabalho deve primar pela integração das pessoas, através de um eficiente sistema de comunicação, sem o qual há um comprometimento da ação. Se não houver troca, diálogos e explicações e esclarecimentos, dificilmente o grupo se mantém coeso.

Ademais, é necessário que encontros periódicos deverão ser realizados, para possibilitar que o planejamento, acompanhamento e avaliação das atividades desenvolvidas atinjam os resultados esperados. Igualmente importante é que haja intercâmbio entre os participantes das equipes de trabalho, entre si e entre outras associações, contribuindo para balizar os rumos das ações empreendidas. Finalizando, sabemos que a coordenação será o fio condutor dos propósitos, favorecendo a autonomia de cada núcleo e acompanhando as dificuldades, buscando as alternativas para sua solução.

MECANISMOS DE TRANSFERÊNCIA DE RESULTADOS:

O trabalho cooperativo é ainda recente e é fundamental que as experiências se disseminem, ampliando sua divulgação, possibilitando que mais pessoas as conheçam, favorecendo sua ampliação como forma de organização do trabalho. Destacamos alguns pontos que devem ser levados em conta para a transferência de resultados:

1. As experiências e conhecimentos devem ser colocados à disposição de outros grupos e instituições, por meio das diferentes mídias e da ampliação dos grupos organizados;
2. Realização de seminários, com participação aberta à comunidade, visando apresentar experiências, conhecimentos e resultados;
3. Apresentar trabalhos em eventos externos, produção de artigos científicos como forma de socializar os conhecimentos e experiências produzidas.

Para verificar os eventuais benefícios oferecidos pelas cooperativas de trabalho da Unesp aplicamos um questionário para os cooperativados, com algumas questões simples mas que tocam nos elementos fundamentais do projeto. As questões foram colocadas em um sistema e, via internet, os cooperativados puderam responder as perguntas. Aqueles que responderam foram ajudados pelos estudantes que estão envolvidos com o projeto, porque a maioria não tem acesso a computador e não sabe ainda utilizar a informática como instrumento.

Talvez a pergunta mais inquietante e que realmente interessa é a que possibilita saber se o projeto fez ou faz alguma diferença na vida do cooperativado. Desta forma, fizemos esta abordagem, perguntando “Que tipo de melhora ocorreu em sua vida após sua participação no projeto”?

As respostas indicam que o projeto é bastante satisfatório, com altos índices de respostas positivas, mas que nos chamam atenção porque a maior ocorrência se refere à nova sociabilidade adquirida, ou seja, o projeto é mais significativo porque possibilitou a conhecer novos amigos. Isto pode parecer estranho, em princípio, mas se atentamos para o fato de que as pessoas desempregadas e sem dinheiro tem mais dificuldade para ter companhia e amigos, a resposta ganha sentido. Uma quantidade importante de respostas apontou para esta questão, o que não pode passar despercebido, pois 64,5% responderam que a melhora que ocorreu em sua vida foi ter feito amigos, não só dentro do projeto mas certamente pelos lugares por onde

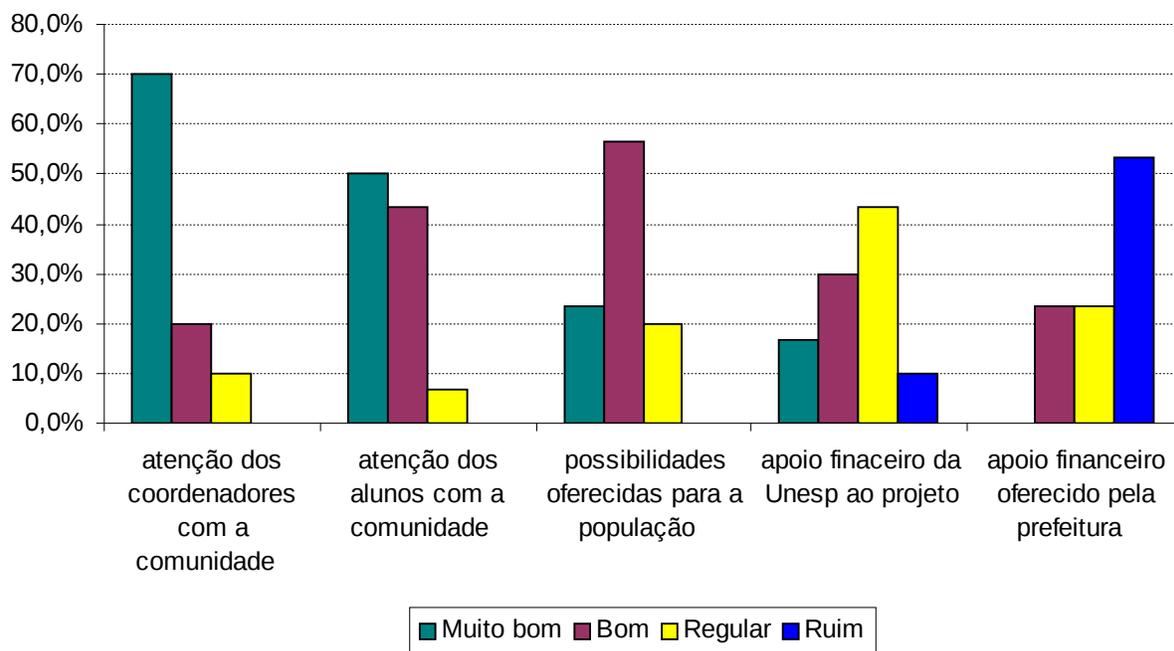
andam, coletando material para reciclar, nas reuniões de formação e talvez dentro da universidade, uma vez que há muitos estudantes, professores e servidores que ajudam o projeto.

Em segundo lugar, indicam que a aprender a técnica do processo de reciclagem, com 29% das respostas, foi a melhor contribuição do projeto em suas vidas, o que certamente é mesmo importante, tendo em vista que o conhecimento da técnica pode possibilitar o desempenho de atividades profissionais, com vistas ao sustento da vida. Com o mesmo percentual, 29% dos cooperativados disseram que ganhar dinheiro foi a melhor contribuição do projeto para eles. Como decorrência de ganhar dinheiro pelo trabalho executado, 19% dos cooperativados puderam comprar bens de consumo para o lar. Complementarmente, 6,5% disseram que nada aconteceu desde que se associaram ao projeto.

Outra pergunta do questionário se refere a renda mensal auferida por meio do trabalho nas cooperativas. Nota-se que, no geral, a renda é bastante modesta, e apenas 10% conseguem obter mais de R\$ 700,00 (um pouco mais que 1 salário mínimo), para 6,7% os valores obtidos vão de R\$501,00 a R\$700,00. Para 26,7% o valor obtido é de R\$ 201,00 a R\$ 500,00 e o maior percentual, composto por 56,6% dos que responderam, ganham entre R\$100,00 e R\$200,00. Esta é uma renda bastante pequena, cerca de 20% do salário mínimo atualmente vigente no país.

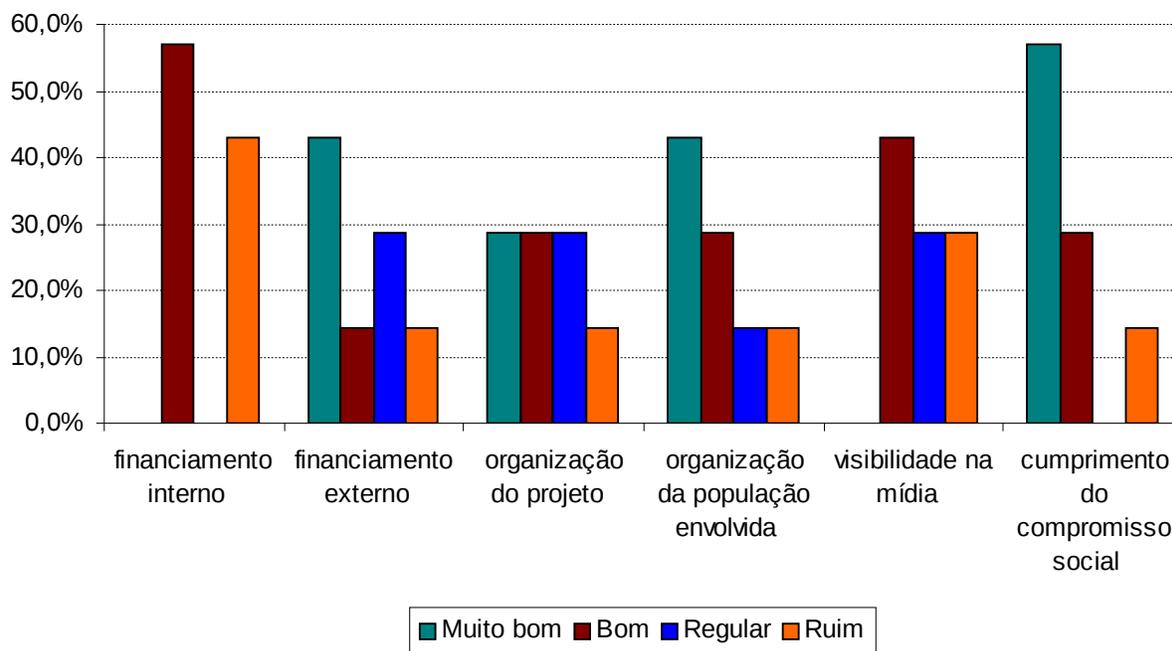
Outro questionamento que julgamos importante se refere a avaliação que o cooperativado faz do projeto, especialmente no que se refere ao modo como o poder público se relaciona com o projeto, ao apoio da universidade e a atenção que os estudantes dispensam ao projeto e aos associados. As alternativas de respostas tentam qualificar as relações estabelecidas, segundo o ponto de vista do cooperativado. Assim obtivemos os dados abaixo, que estabelecem uma clara crítica em relação ao poder público e que reconhece o papel da universidade como uma ação de boa qualidade.

Que avaliação você faz do trabalho das cooperativas da UNESP quanto a:



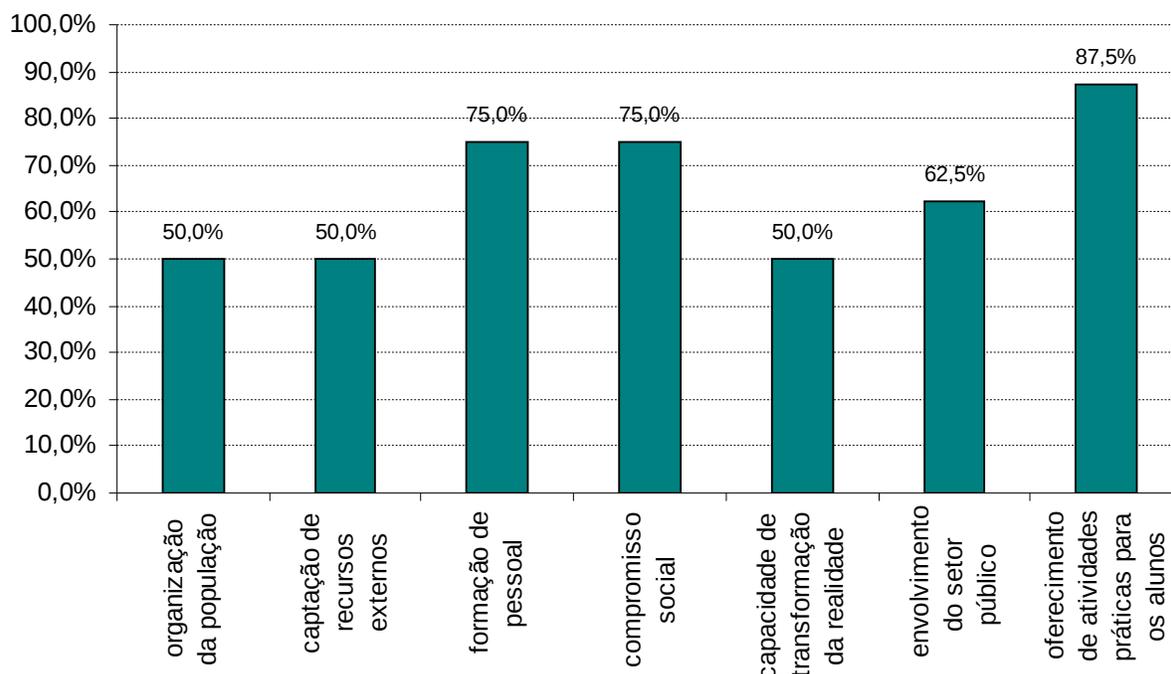
Na aplicação do questionário para os coordenadores, destacamos seu ponto de vista sobre algumas das condições postas no projeto, segundo sua avaliação:

Como o(a) senhor(a) avalia o desenvolvimento das cooperativas na Unesp, no que se refere



Destacando o que é realmente significativo no projeto, os coordenadores indicam que a formação dos estudantes tem grandes benefícios com a prática adquirida nas cooperativas, porque os estudantes colocam em prática um conjunto de conhecimentos técnicos, cuja viabilidade é testada na realidade social. O trabalho dos estudantes é primordial para o desenvolvimento dos trabalhos, no acompanhamento e resolução de problemas do cotidiano.

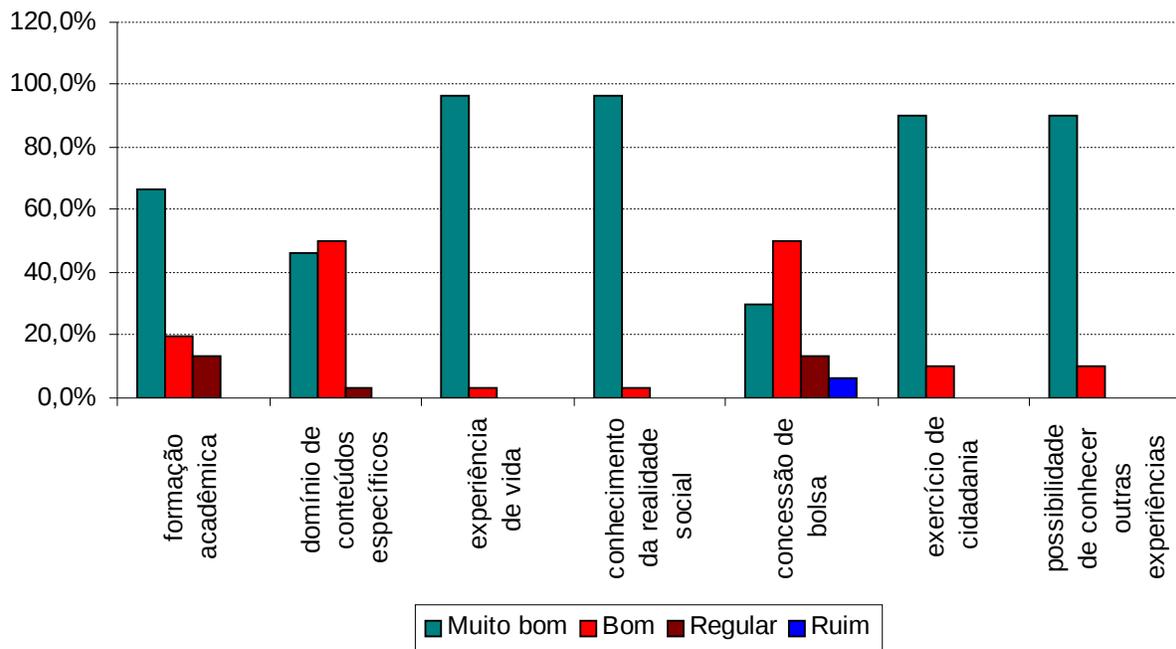
Quais são os pontos fortes do projeto?



Resulta do trabalho de organização das cooperativas um conjunto de importantes produtos acadêmicos, que indicam reflexões teóricas sobre a experiência e explicam encaminhamentos necessários para seu sucesso. A produção compartilhada por alunos e professores se volta à elaboração de dissertações de mestrado, teses de doutorado, trabalhos de conclusão de curso, artigos, capítulos de livros, oferecimento de palestras e participação em eventos, entre outros. Estes conteúdos contribuem para a disseminação de conhecimentos específicos que são estruturados ao longo da vivência dos grupos organizados. Os quantitativos não são muito grandes ainda, mas tendem a crescer conforme as experiências vão se acumulando.

Com relação aos estudantes envolvidos, destacamos algumas das respostas obtidas, que qualificam sua participação na organização dos grupos de cooperativados:

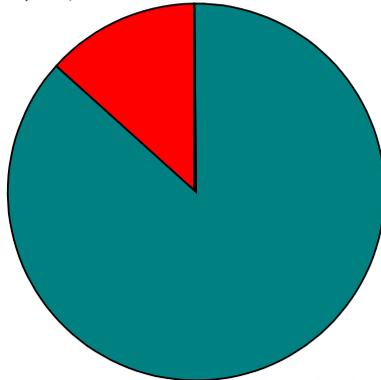
Do ponto de vista das ações que você desenvolveu junto ao projeto, quais as contribuições que destacam:



Os estudantes indicam que participar das cooperativas é uma boa experiência, uma vez que os conhecimentos obtidos em sala de aula e pelas pesquisas, orientam as ações que são desenvolvidas junto aos grupos. Aplicar na sociedade os conhecimentos teóricos obtidos ajuda a compreensão da realidade social e mostra caminhos para uma mudança de comportamento profissional, orientado para a cidadania.

No que se refere ao projeto, você diria que ele faz diferença na vida da população atendida de forma:

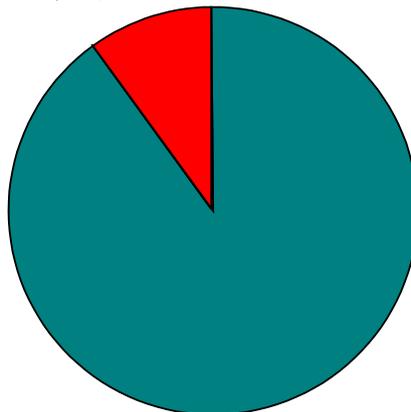
Relativamente importante; 13,3%



Muito importante; 86,7%

Quanto à ação extensionista na Unesp, sua experiência diz que:

possibilita um real exercício de cidadania; 10,0%



ela é fundamental para complementar a formação do estudante; 90,0%

CONCLUSÃO

Na Universidade Estadual Paulista, os grupos organizados recebem um apoio financeiro institucional, para compra de material de consumo, de material permanente e pagamento de bolsistas. Certamente os recursos não respondem as demandas apresentadas mas, ao menos, colabora com a estruturação das atividades. Os grupos organizados, em conjunto com os professores da universidade também buscam recursos externos para o gerenciamento do projeto, especialmente participando de editais.

Os grupos constituídos por homens e mulheres indistintamente, estão bem estruturados, com boas perspectivas de continuidade, tendo em vista a importância do projeto na vida das pessoas.